



A cidade e sua composição: um retrato de Manáos no fim do século XIX ¹

Bruno Miranda Braga²

RESUMO

O artigo propõe-se a apresentar uma imagem da (re) construção da paisagem da cidade de Manáos ao início do século XX, período que coincide com a Belle Époque amazônica e com o período da extração da goma elástica. Mostramos como a imagem da cidade foi alterada em um tempo rápido para agradar uma parcela pequena dos enriquecidos pela extração gomífera. Vemos que muito da população nativa foi ressignificado mas permaneceu estampada em alguns prédios públicos como o Teatro Amazonas, que iam sendo erguido na cidade ao final do Oitocentos. Vemos que entre a cidade mostrada nos postais e fotografias, e a cidade que existia, havia um limite do que realmente era belo, do que não era belo, porém resistia a recomposição do espaço. A perspectiva de análise documental foi à Nova História e Nova História Cultural, que seguindo a tradição da Escola dos Annales, faz uma análise crítica tentando visualizar a posição dos de baixo, que pouco aparecem nos discursos oficiais por isso fazer nova história é ouvir e dar vozes a novas partes.

PALAVRAS-CHAVE: Cidade de Manáos; Belle Époque; Paisagem.

La ciudad y su composición: una imagen de Manáos de finales del siglo XIX

RESUMEN

En este artículo se propone presentar una imagen de la (re) construcción del paisaje de la ciudad de Manaos a principios del siglo XX, un período que coincide con la Belle Époque y Amazon con el período de la extracción de la goma elástica. Mostramos cómo la imagen de la ciudad ha cambiado en un tiempo rápido para complacer a una pequeña porción de la enriquecida por extracción gomífera. Vemos que gran parte de la población nativa fue objeto de redefinición, pero permaneció estampada en algunos edificios públicos como el Teatro Amazonas, que habían de ser erigido en la ciudad a finales del siglo XIX. Vemos que entre la ciudad se muestra en las postales y fotografías, y la ciudad que había un límite de lo que era realmente hermoso, lo que no era hermosa, sin embargo se resistió a la recomposición del espacio. La perspectiva de análisis de documentos fue la Nueva Historia y Nueva Historia Cultural, que siguiendo la tradición de la escuela de los Annales, un análisis crítico tratando de visualizar la parte baja de la posición que acaba de aparecer en los discursos oficiales también lo hacen nueva historia es escuchar y dar voces las nuevas piezas.

PALABRAS CLAVE: Ciudad de Manaos; Belle Epoque; Paisaje.

¹ Recebido em: 14 de setembro de 2015. Aceito para publicação em: 7 de janeiro de 2016.

² Mestrando em História Social no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas – PPGH/UFAM. Linha de Pesquisa: Cultura e Representação. Bolsista CAPES. E-mail: brunomirandahistor@hotmail.com. Link para Plataforma Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9593097050570247>.



1.0. Antecedentes à Belle Époque Manauara

A belle époque constitui-se de um período que se inicia na segunda metade do século XIX, ou seja, em 1850, com a reurbanização de Paris pelo Barão de Haussman³. Nesse período, Manaus ainda não tinha sofrido o surto de urbanização pela qual passara. Em 1862, Manaus não passava de uma pequena vila, pouco povoada, pouco organizada e pouco urbanizada.

Alguns viajantes naturalistas percorreram o vale amazônico, descrevendo seus rios, fauna e flora, geografia e etnografia. Entre 1848 e 1860, o francês Paul Marcoy viajou e explorou o Alto e Baixo Amazonas. O mesmo, assim descreveu a então Barrado Rio Negro:

A cidade moderna em que acabamos de chegar é chamada pelos brasileiros A Barra do Rio Negro. Situa-se a leste da fortaleza, a cerca de mil passos geométricos do sitio de Manáos. Ela está constituída numa superfície tão irregular que chega a ter morrinhos mais altos do que os telhados das casas, o que seria pitoresco se não fosse absurdo. Uma longa avenida, larga e ondulada, estreitada aqui e acolá por muros desalinhados e sacadas proeminentes, corta a cidade de norte a sul. Algumas vielas saem desta rua em direção ao leste. Enquanto a oeste há uma série de grandes espaços vazios. Três riachos providos de passarelas serpenteiam pela cidade e servem de docas e estaleiros para a sua flotilha mercantil. Pequenas escunas, chalupas e canoas cobertas estão em reparo, aguardam algum carregamento ou se abrigam das trovoadas, essas tempestades brasileiras que assolam o baixo Amazonas e cuja influência é sentida muitas léguas acima pelo rio Negro⁴.

Com este excerto temos uma provável visão de Manaus há 150 anos. A vila era formada em um espaço com geografia difícil, igarapés cortavam-na por todos os lados, o relevo era alto com grandes elevações de planaltos e morros. Porém, essa cidade já começava a despertar o interesse e o apreço por costumes vindos de locais externos, devido ao grande fluxo de viajantes e, principalmente, comerciantes que passavam pela Barra. Nesse mesmo período, Marcoy nos diz que a vila é habitada por três mil almas, dois terços das quais constituem a população permanente e os demais a temporária. O número de casas é avaliado

³Cf. DAOU, Ana Maria. *A belle époque amazônica*. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

⁴MARCOY, Paul. *Viagem pelo Rio Amazonas*. Trad. de Antônio Porro. Manaus: Edições do Governo do Estado do Amazonas / Secretaria de Estado da Cultura, Turismo e Desporto. Editora da Universidade do Amazonas, 2001. p. 167.



em 147⁵. Apenas três mil habitantes e 147 casas, vale destacar aqui como compunha-se essa população, em sua maioria índios e mamelucos.

Lourenço da Silva Araújo e Amazonas nos informa que, em 1852, Manaus possuía 8.500 habitantes, ou seja, poucos anos após a descrição de Marcoy podemos depreender que houve um crescimento populacional, se os dados forem confiáveis. Destes 8.500 moradores, 4.080 eram índios, 2.500 mamelucos, 900 brancos, 640 mestiços e 380 escravos⁶.

Outros viajantes, já apostavam que Manaus logo seria um importante centro comercial e cultural também. Louise Elisabeth Agassiz, um casal suíço que viajavam a serviço dos Estados Unidos, em 1866, assim apontaram um futuro para Manaus.

Insuficiente hoje, Manaus se tornará, sem dúvida, um grande centro de comércio e navegação. E se anteviam os tempos em que sobre as margens do Amazonas, florescerá uma população mais ativa e vigorosa do que aquela que até agora aí tem vivido... Em todas as Nações do Globo terão sua parte nessas riquezas... Chegará necessariamente uma época em que a humanidade dele (Rio Amazonas) tomará posse, em que nessas mesmas águas onde só cruzamos com três canoas em seis dias, navios a vapor e embarcações de toda espécie subirão e descerão, em que a vida e o trabalho, enfim animarão estas margens⁷.

Na visão do casal Agassiz, em Manaus, “a natureza estava pronta, mas seu habitante não”⁸. O seu habitante não estava preparado devido a sua raça e sua cor. Essa visão perdurou por muito tempo⁹.

⁵ MARCOY, Paul. *Viagem pelo Rio Amazonas*. Op. cit., p. 168.

⁶ AMAZONAS, Lourenço da Silva Araújo. *Dicionário Topográfico, histórico, descritivo da Comarca do Alto Amazonas*. Recife: Meira Henrique Nova – Edição Facsimilar; Manaus: Associação Comercial do Amazonas – ACA – 1984. (Coleção Hileia Amazônia, “1”).

⁷ AGASSIZ, Louis e AGASSIZ, Elisabeth Cary. *Viagem ao Brasil – 1865-1866*. Trad. de João Etienne Filho. São Paulo / Belo Horizonte: Edusk/Itatiaia, 1975. Apud: DIAS, Edinea Mascarenhas. *Allusão do Fausto*: Manaus – 1890-1920. Manaus: Valer, 2007. p. 33.

⁸ COSTA, Hideraldo Lima da. *Amazônia: Paraíso dos Naturalistas. Amazônia em cadernos*. Manaus: EDUA n. 06, 2000. p. 242.

⁹ Os registros possuem uma visão instigante e aguçante. Percebemos nos seus descritos o cotidiano da população local. Podemos perceber etnocentrismo em suas falas. Antônio Emílio Morga, na obra *Nos Subúrbios do Desejo: masculinidade e Sociabilidade em Nossa Senhora do Desterro no Século XIX*, nos diz que ao vivenciarem o cotidiano da população, “os viajantes foram partícipes na construção das práticas de sociabilidade entre eles e a comunidade” (p. 30), em Manaus acontece algo parecido à medida que tais viajantes irão praticar hábitos que são característicos da cultura nativa, mesmo classificando a cultura local como inferior à sua.



Os habitantes da cidade da Barra do Rio Negro dedicaram-se basicamente ao comércio, sendo de cunho atacadista ou varejista, segundo relatos do período.

A sociabilidade de Manaus ocorria em constante sintonia. Marcoy diz que apesar de toda a geografia peculiar da cidade da Barra, a cidade dava uma impressão agradável e nela, segundo o viajante, não existia ou pouco reinava a barbárie que imperava em outras localidades dispersas pelo Rio Amazonas¹⁰ e nos afirma que:

Ela deve o título de capital da província, que lhe foi dado pelas estatísticas, às suas casas com sacadas, à sua flotilha multicolorida e à atividade comercial de que é centro. Esse título também explica e justifica a abundância de uniformes e trajes que se observa ao entrar na cidade. A adoção da moda francesa pelas pessoas abastadas, o **uso de verdadeiras camisas pelos índios** no lugar das camisetas usadas nos povoados de rio acima, permitem facilmente perceber que deixamos para trás a barbárie e estamos num daqueles canais chamados capitais, onde se unem todas as correntes geográficas, intelectuais, políticas e comerciais do país¹¹. (Grifo nosso).

Aqui temos um exemplo bem claro de como a modernidade estava se apoderando de Manaus: os índios passam a usar trajes requeridos pela sociedade da época, mas ser moderno é “autotransformação e transformação das coisas ao seu redor”. Berman nos diz que a experiência ambiental da modernidade rompe qualquer fronteira geográfica¹². Mesmo Manaus estando bem distante da França, foi inevitável ser transformada aos moldes franceses. A modernidade também “une a espécie humana. Porém, é uma unidade paradoxal, uma unidade de desunidade: ela nos despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambiguidade e angústia¹³”.

Assim, a modernidade em Manaus modificou não apenas a geografia, e o traçado urbano, porém alterou o estilo de vida e a sociabilidade da população local, quer seja a nativa ou a estrangeira, aquela que veio residir nesta cidade. Vale destacar a velocidade, a rapidez com que as transformações acontecem. Cito como exemplo o nome da cidade: segundo Otoni

¹⁰MARCOY, Paul. *Viagem pelo Rio Amazonas*. Op. cit., p. 169.

¹¹ *Ibidem*, p. 169.

¹² BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: A aventura da Modernidade*. Trad. de Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Toratti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986, p. 15.

¹³ *Ibidem*, p. 15.



Mesquita, “em 1848, a vila de Manaus foi promovida a cidade, passando a denominar-se cidade da Barra do Rio Negro [...]”¹⁴.

Em 1848, a cidade é Barra do Rio Negro, em menos de dez anos, no ano de 1856, a Lei Nº 68 de 4 de setembro de 1856, muda o nome da Cidade da Barra do Rio Negro para o de Cidade de Manáos.¹⁵ Então, num período curto, na perspectiva de Fernand Braudel¹⁶, no tempo do evento, a cidade muda seu nome e também suas feições, isso é o limiar da belle époque, uma vez que:

A modernidade em Manaus não só substitui a madeira pelo ferro, o barro pela alvenaria, a palha pela telha, o igarapé pela avenida, a carroça pelos bondes elétricos, a iluminação a gás pela luz elétrica, mas também destrói a paisagem natural, destrói antigos costumes e tradições, civiliza índios transformando-os em trabalhadores urbanos, dinamiza o comércio, expande a navegação, desenvolve a imigração. É a modernidade que chega ao porto de lenha, com sua visão transformadora, arrasando com o atrasado e feio, e construindo o moderno e belo¹⁷.

Essa visão da historiadora Edineia Mascarenhas é bem alusiva ao processo de modernização pelo qual passou a cidade de Manaus. Atentemos para as formas de mudanças e substituições vindas com a modernidade, tratam-se de transformações físicas, geográficas, habituais, culturais. Mas acredito que houve permanências históricas, bem como resistências e uma forte combinação, ou seja, um hibridismo cultural, pois os moradores nativos, não lançaram mão completamente de sua cultura.

Michel de Certeau, teórico francês, estabeleceu uma análise sobre o cotidiano. Para ele, a construção do cotidiano dá-se “por meio de práticas de reutilização é parte do que Certeau chama de tática. Os dominados, sugere ele, empregam táticas, mais que estratégias, porque sua liberdade de manobra é restrita, opera dentro de limites estabelecidos por outros.”¹⁸

¹⁴MESQUITA, Otoni. *Manaus História e Arquitetura (1852-1910)*. 3. ed. Manaus: Editora Valer / Prefeitura de Manaus / UNINORTE, 2006. p. 29.

¹⁵COLLEÇÃO das leis da Província do Amazonas – Tomo V, parte 1 – LEI n. 68, de 04 de setembro de 1856. Manáos, 1856 – Acervo: Biblioteca do IGHA.

¹⁶BRAUDEL, Fernand. *Gramática das Civilizações*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

¹⁷DIAS, Edineia Mascarenhas. *A Ilusão do Fausto: Manaus, 1890-1920*. 2. ed. Manaus: Valer, 2007. p. 29.

¹⁸BURKE, Peter. *O que é História Cultural?* Trad. de Sérgio Goés de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005, p. 103- 104.



2.0 A arquitetura da Nova Manáos

Manaus crescia em ritmo cada vez mais acelerado e sua fisionomia tendia a se distanciar cada vez mais da atrasada e feia Barra do Rio Negro. Toda essa rápida expansão e acelerada reconfiguração da urbe é consequência do boom da borracha, que proporcionou a extração do látex.

Em 1910, Manaus reinava como a capital mundial da borracha. Mais de vinte anos de produção crescente, exportação contínua e de preços em elevação, haviam criado a prosperidade, da qual a cidade era a evidência mais ampla. Nesse ano, Manaus progredia, com os preços atingindo novas alturas e toda a atmosfera da cidade altamente próspera¹⁹.

Isso foi dito com muita pretensão pelo norte-americano E. Bradford Burns, um estudioso historiador que veio a Manaus com o intuito de analisar o período do boom da borracha, além de se encantar e se embasbacar com o que viu em suas pesquisas. Em seu texto vemos um certo tom de elevação da cidade, mostrou o lado do luxo da belle époque, mas “esqueceu-se” de mostrar os demais aspectos do cotidiano da cidade capital da borracha.

Realmente, em pouco mais de uma geração, Manaus havia mudado completamente. Um morador da cidade de ano de 1870 teria muita dificuldade em reconhecê-la, na primeira década do século vinte. Para se fazer uma ideia dessa metamorfose, basta que se recorde os relatos dos primeiros viajantes que vieram a Manaus. [...] A rápida transformação da vila em cidade foi devida a um único fator: a borracha. O período áureo da hévea construiu a moderna Manaus: a ele a capital do Amazonas deveu a sua prosperidade de então²⁰.

Sim, é absolutamente a-histórico estabelecer igualdades entre a Manaus dos viajantes, com a Manaus de agora. Porém, dever toda a prosperidade da cidade a uma árvore, e esquecer

¹⁹BURNS, E. Bradford. *Manaus, 1910: retrato de uma cidade em expansão*. Trad. de Ruy Alencar. Manaus: Editora Arte nova limitada, 1966. p. 6.

²⁰ *Ibidem*, p. 23.



dos autores, os trabalhadores que bravamente ergueram os edifícios públicos é uma narração incompleta.

O que pretendo mostrar é que da belle époque manauara, sempre vemos o mesmo discurso, pois como nos diz Foucault, os discursos são mais fortes que os homens²¹ e, era importante que na belle époque, o foco fosse a grande renovação urbana. Devemos atentar que realmente, Manaus se modificou e tornou-se uma cidade presunçosa, soberba, “metida”, para atrair capital estrangeiro e para agradar a um grupo específico, os ricos, os coronéis e, “barões da borracha” que enriqueceram as custas da extração do látex e da exploração dos trabalhadores, sejam seringueiros nas densas florestas no entorno de Manaus, quer dos trabalhadores urbanos que exerciam seus ofícios no cotidiano citadino e ameaçavam a tão almejada ordem urbana e, se transformaram no alvo preferencial dos códigos de posturas.

Transformar Manáos em Paris era objetivo dos grandes homens públicos, que sonhavam com uma Cidade-Luz em meio a Selva Amazônica, porém esse propósito foi posto em prática, pois era impossível uma cidade que era centro comercial do mundo, viver como uma tapera. Então reurbanizá-la era também uma forma de eliminar seu passado e seus costumes ainda presentes claramente nas práticas da cultura indígena com evidências de um forte hibridismo cultural. Manáos não podia ser índia, muito menos mestiça, nem mesclada, tinha de ser branca, alva, europeia, a cidade, torna-se assim:

Burguesa, bela, moderna, higiênica, ordenada e, acima de tudo branca. No entanto, os conhecidos **lugares de enclave**, termo usado para designar as ruas e **habitações dos pobres, mais particularmente dos negros, ou foram demolidos e sua população expulsa para os arredores da cidade, ou permaneceram sendo considerados locais inóspitos**. Curiosamente, lugares considerados insalubres – como os becos – não eram atingidos pelos melhoramentos urbanos pelos quais se empenhava a municipalidade, ratificando também as escolhas médicas de regiões e pessoas que deveriam receber essa restauração sanitária²². (Grifos nossos).

²¹ FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Org. e Trad. de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

²² PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Entre práticas e representações*. A cidade do possível e a cidade do desejo. In: RIBEIRO, Luiz César de Queiroz, PECHMAN, Robert (orgs.) *Cidade, povo, nação*. Gênese do urbanismo moderno. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1998, p. 377-396.



Logo, a cidade perdeu seu perfil próprio e se improvisou uma outra cidade ao gosto de uma pequena parcela da população que enriqueceu aos louros do trabalho de outrem na extração do látex.

É importante perceber também que como nos diz Sandra Pesavento, os lugares considerados mais insalubres e feios não eram atendidos nem pela Intendência Municipal, nem pela Inspeção de Higiene, porém estes locais eram obrigados a se adequarem ao estabelecido, ou a saírem do perímetro urbano desta cidade a ponto dos que não se enquadravam irem residir nos subúrbios, como vimos, essas adequações eram legais, e se tornaram obrigações a partir da promulgação dos Códigos de Posturas Municipais.

Os Códigos de Posturas simbolizam basicamente proibições ao pobre. Esses pobres não se constituíam apenas de vulneráveis sociais, mas de todo aquele que se opunha aos valores advindos da modernidade que torna o individualismo imperante, pois:

Em tempos como esses, “o indivíduo ousa individualizar-se”. De outro lado, esse ousado indivíduo precisa desesperadamente “**de um conjunto de leis próprias, precisa de habilidades e astúcias**, necessárias à autopreservação, à autoafirmação, à autolibertação”. As possibilidades são ao mesmo tempo gloriosas e deploráveis²³. (Grifos nossos).

Manaus estava mudando, e em ritmo acelerado, cresceu, ou melhor expandiu-se, como vemos a seguir nas plantas de 1852, 1879, 1895.

²³ BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: A aventura da Modernidade*. Op. cit., p. 21.

Figura 01: Planta Levantada na Administração de João Batista Tenreiro Aranha, 2m 1852.



Referência: Biblioteca Nacional Digital. Rio de Janeiro.

Figura 02: Planta da Cidade de Manaus, do Arquivo Militar, assinada com a data de 26 de fevereiro de 1879; copiada pelo Capitão Tenente Raphael Lopes Araújo. Acervo do Arquivo Histórico do Exército. Rio de Janeiro (detalhe da imagem realçado).



Referência: MESQUITA, Otoni Moreira. *La Belle Vitrine: Manaus entre dois tempos (1890-1900)*. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas (EDUA), 2009.

Figura 03: Carta da cidade de Arrabaldes de Manáos, levantada por João Miguel Ribas e desenhado por Willy Von Bancel. Lisboa: Cia Nacional, 1895.



Referência: MESQUITA, Otoni Moreira. *La Belle Vitrine: Manaus entre dois tempos (1890-1900)*. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas (EDUA), 2009.

Na planta de 1852 (Figura 01), vemos como a cidade era pequena e sua geografia era muito desfavorável: Igarapés cortavam a cidade por todos os cantos; contava, basicamente com apenas quatro bairros que eram Campinas, Espírito Santo, República e São Vicente. A cidade era pouco habitada.

Na planta de 1879 (Figura 02), a cidade já apresenta uma significativa expansão, há mais ruas, muitos igarapés já não existem, uma vez que a intendência os estava aterrando para atender aos ideais da modernidade. Já, a planta de 1895 (figura 03) mais elaborada que as anteriores, vemos o progressivo surto de urbanização que foi operado em Manáos, até sua geografia foi alterada, observa-se nesta planta a extinção quase completa dos igarapés, as ruas e vias públicas totalmente alinhadas, seguindo os moldes da Europa.

O principal elemento a se perceber nas plantas é, o que de fato se constituía Manáos naquele período. O perímetro da cidade, era o compreendido do Porto de Manáos até a atual rua Constantino Nery, o restante eram os subúrbios, o entorno que não ou pouco presenciou a belle époque.



Otoni Mesquita, estudioso da história da arquitetura de Manaus, ancorado nas teorias da professora Lená Medeiros Menezes, nos diz:

As discutir as nuances de tal processo, na reforma urbana do Rio de Janeiro, na primeira década do século XX, Lená Menezes observou que “a chegada da civilização para a população citadina representou a imposição da vigilância e da disciplina em seu cotidiano”. A autora compreende que, com esse fato, o **espaço público se definia “como um espaço político ostensivamente policiado** e a consagração da vida privada, no contexto da intimidade burguesa, como registro de um novo tempo.” [...] ²⁴. (Grifos nossos).

Segundo esses autores, o espaço público era um espaço político, onde se desenvolvia as artimanhas e jogos políticos. Mas, se nem tudo foi belo, em Manaus na bela época, no político era mais evidente, uma vez que, Champanhes e eleições manipuladas, caracterizavam todos os países latino-americanos no limiar do século XX²⁵.

Assim, a política em Manaus no limiar do século XX, era marcada por disputas e manipulações que levavam avante, quem os membros da elite queriam manter no poder.

Um dos políticos mais conhecidos e enaltecidos pela historiografia regional foi o governador Eduardo Gonçalves Ribeiro, o mulato, o idealizador, o responsável pela modernização e pela reurbanização de Manáos, o “Hausman Mulato” e outros predicativos e onomásticos que ele recebeu. O que devemos atentar é que,

[...] o governo de Eduardo Ribeiro teve o caminho de sua administração facilitado, por assim dizer, tanto que acabou ficando cristalizado por parte da historiografia local como sendo o **grande administrador responsável pela materialização da chamada “Manaus da Belle Époque”**. Essa mesma historiografia sequer mencionou a questão das manobras políticas estabelecidas junto ao Congresso que contribuíram significativamente para a execução da maioria dos projetos do governo²⁶. (Grifos nossos).

²⁴MESQUITA, Otoni Moreira. *La Belle Vitrine: Manaus entre dois tempos (1890-1900)*. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas (EDUA), 2009. p. 165.

²⁵CHASTEEN, Jhon Charles. *América Latina: Uma História de Sangue e Fogo*. Rio de Janeiro: Campus, 2001. p. 161.

²⁶TAVARES NETO, João Rozendo. *A República no Amazonas: disputas políticas e relações de poder (1888-1896)*. Dissertação. Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Amazonas. Manaus, 2011, p. 88.



A memória construída por uma narrativa celebrativa cristalizou apenas o lado “bom” de Ribeiro, como se a cidade fosse resultado do trabalho de um único homem. Esses autores, como Antônio Loureiro, Mario Ypiranga, não evidenciaram toda a trama política envolvida no governo de Eduardo Ribeiro, até porque essa historiografia segue a tendência de escrever história dos grandes e de seus grandes feitos, ocultando o lado pouco positivo desses artífices da história local. Como vemos na citação, Eduardo aproveitou e usou do momento favorável economicamente para levar adiante seu projeto embelezador de Manáos, e, ele também era bem visto, pela pequena parcela dos homens que lucravam com a produção gomífera, a elite manauara que se deliciava a ver a destruição da tapera de Manaus e a chegada da cidade luz da selva.

Grandes prédios públicos começaram a aparecer, as moças desfilavam com o que tinha de melhor em Paris, os rapazes fumavam e bebiam os melhores charutos e *whisky* ingleses e suíços. Era uma miscelânea de estrangeiros, esse foi o boom da borracha que ao alcançar o topo das mercadorias nacionais, fez com que Manaus mudasse sua feição.

Dentre os muitos edifícios, o Teatro Amazonas tornou-se a imagem emblemática, o ícone da cidade de Manaus. Sua imagem começa a figurar nos cartões-postais e estes circulam levando notícias da cidade para toda a Europa. Fica claro que, “a euforia e o evidente exagero são as marcas destes postais dirigidos aos patrícios de ninho. Manaus era apresentada como a nova Paris, [...] grande cidade moderna e vibrante da Amazônia”²⁷. Esses postais, divulgavam uma cidade civilizada em meio a selva, e seus desenhos, queriam enfatizar o poderio de seus senhores, a ponto de erguerem um Teatro nas proporções do Teatro Amazonas, no coração da Selva Amazônica. A imagem a seguir, data de 1896, mostra perfeitamente a geografia do entorno do Teatro, vale ressaltar que mesmo sendo este edifício totalmente da cultura europeia, o cenário do verde das matas e acerca de madeira, esclarecem que se tratava de Manáos, a cabocla, metida a gringa.

Farei uma discussão cabível ao tratar da Decoração do Teatro Amazonas. Mesmo este sendo uma obra claramente moldado no estilo europeu, vemos elementos nativos na sua decoração, Burns, afirma que:

²⁷ SCHAPOCHNICK, Nelson. Cartões Postais, Álbuns de Família e Ícones da Intimidade. In: NOVAIS, Fernando A. (coord.) e SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da Vida Privada no Brasil: República da Belle Époque a Era do Rádio*. V.3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 437.

Como a maioria dos prédios brasileiros construídos no século dezenove, antes do estilo francês “rococó” entrar em voga, o Teatro Amazonas apresenta um exterior uniforme e sóbrio, dando asas à imaginação barroca no interior. Construído de pedra, tem entradas e pilares em acabamento de mármore italiano. O interior ricamente elaborado, brilha com folheados a ouro e embriaga com o luxuriante veludo vermelho. Figuras clássicas das mitologias **Grega e Romana rivalizam com motivos locais e indígenas nas decorações, pinturas e esculturas**. Cabeças indígenas projetam-se da balaustrada das escadas e folhas de palmeiras entrelaçam as frisas. **Murais retratam deuses e deusas europeias fazendo travessuras no Amazonas**. [...] ²⁸. (Grifos nossos).

Ou seja, mesmo sendo uma obra caracterizada e tipicamente estrangeira, o Teatro Amazonas em sua decoração mostra ou faz alusão a cultura indígena, é claro que é um índio romantizado, mas ele está lá; nas fotografias a seguir, vemos a sua presença, ínfima, porém presente., nem que fosse para remeter algo que foi outrora, ou seja, construir um discurso de que com a instalação da Belle Époque na cidade, ela romperá com toda sua tez indígena, como se com essa fase, inaugurava-se uma “nova Manáos”, uma cidade alegre e festiva, branca, alva e estrangeira, e as figuras podem querer aludir para a Manaus indígena que as elites tentavam romper a todo custo visando estabelecer uma nova identidade regional que iria contra as culturas indígenas que compunham a cidade.

Figura 04: Pannel de De Angelis, conhecido como *O Regatão*, existente no salão nobre do Teatro Amazonas.

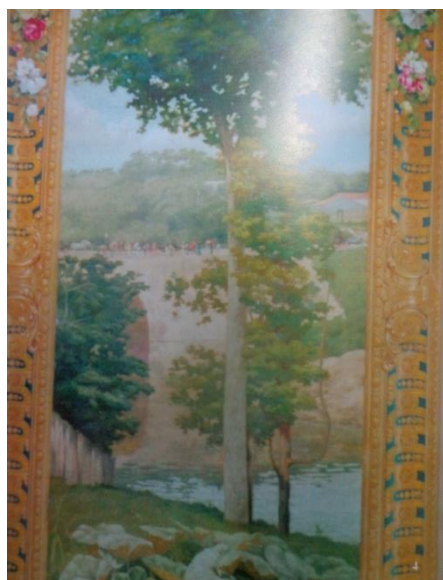


Referência: MONTEIRO, 2003.

²⁸BURNS, E. Bradford. *Manaus, 1910: retrato de uma cidade em expansão*. Op. cit., p. 13-14.

Figura 05: Paisagem citadina, Segunda Ponte Romana no dia de sua inauguração, 1896. A altiva castanheiro resistiu durante muitos anos. Tela de De Angelis, no salão nobre do Teatro Amazonas.

Figura 06: Borboletas. Painel de De Angelis, existente no salão nobre do Teatro Amazonas.



Referência: MONTEIRO, 2003.

Seguindo a tradição proposta pela Escola dos Annales, corrente historiográfica francesa, sabemos que assim como a fonte escrita deve ser problematizada, para visualizarmos todo um cenário, uma perspectiva que não está mostrada não está presente na imagem retratada. Logo, quando tomei como análise o Teatro e suas fotografias que circulam pela cidade e pelo exterior, me perguntei onde está o elemento nativo? Será possível que não houve se quer uma alusão a cultura local? Com as imagens acima, vemos que sim, houve a presença nativa na decoração do Teatro, fazendo da imagem uma espécie de ponte entre a realidade retratada e outras realidades, e outros assuntos, seja no passado, seja no presente.

Figura 07: Teatro Amazonas – Sala de Espetáculos detalhe o teto, lustres decorativos e os camarotes em andares.



Referência: BRAGA, Bruno, 2015.

Assim, vemos que Manáos se distanciava cada vez mais do seu passado histórico de aldeia, para se tornar a Paris da selva, outro fator que fez com que a sociedade almejasse transformá-la em Paris, era as constantes viagens dos membros da elite a Europa, que consolidava, cada vez mais em Manáos o gosto e o querer a europeização, uma vez que:

Este processo de europeização valia para equalizar o seu “status” com os das famílias abastadas da época. O grande valor e prestígio da Europa está simbolizado no estilo dos edifícios públicos que foram construídos nessa época, como o Teatro Amazonas e o Palácio da Justiça, estilizados segundo a moda parisiense e renascentista²⁹.

Logo, o viver manauara tornou-se um viver europeu, mas não eliminou totalmente a cultura indígena, que se materializou em hábitos e costumes que passaram a ser uma prática

²⁹BENCHIMOL, Samuel. *Amazônia: um pouco antes e além depois*. Manaus: Editora Umberto Calderaro, 1977. p. 82.



unilateral, e sua presença em prédios públicos também foi imperativo, nem se fosse para lembrar que um dia, Manáos havia sido uma tapera, um dia que foi cada vez mais distanciado do imaginário popular e a historiografia pouco procurou dar voz aos personagens obscuros dessa cidade neste período. Claro está, que para construir uma nova sociedade, é necessário reconstruir seu passado. Um passado sem resistências ou lutas, um passado edílico que não representa nenhum perigo. Nada mais justo que imagens da natureza e do índio integrada a natureza, presente nos quadros decorativos de Teatro Amazonas.

Na modernidade, em Manáos

[...] era como estar numa capela consagrada ao rito ortodoxo da conspiração. As portas ficavam abertas a todo o mundo, mas só voltava quem era adepto. Após o aborrecido desfile dos oprimidos... erguia-se o sacerdote daquele lugar. Seu pretexto era resumir as queixas de seus clientes, do povo representado pela meia dúzia de imbecis arrogantes e irritados, que justamente tinham acabado de ser ouvidos. [...] ³⁰.

Assim, Manáos seguia um rito inviolável de civilização, querendo apresentar ao mundo que a mesma podia sim ser civilizada. Só usufruía dos benefícios, quem era adepto de tais valores, esses prosperam e se enquadraram aos Códigos de Posturas, e fizeram da Cidade um local de poucos, onde poucos poderiam viver, onde muitos foram impedidos de manifestar sua cultura, suas práticas cotidianas.

Os índios neste período transformaram-se em trabalhadores urbanos e sua moradia, seus trajés, sua cultura deveria ser adaptada à nova sociabilidade. Agora, era preciso adequar estes braços, a nova Manaus, para eles exercerem sua função, seus ofícios sem atrapalhar o belo.

A associação pobreza-saúde-promiscuidade-subversão cola-se deste modo a um objetivo econômico: é preciso recuperar o proletariado, corrompido e degenerado, para promover o progresso nacional. O ser produtivo deve ser o trabalhador de hábitos regulares, que obedece servilmente às imposições do capital, que não se deixa imbuir por ideias “estranhas e estrangeiras” que

³⁰BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. Trad. José Martins Barbosa e Hemerson Alves Batista. São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 14.



corroem os valores fundantes da sociedade, tanto na fábrica quanto fora de seus muros³¹.

Se para o trabalhador branco e pobre era necessário se enquadrar no novo padrão de civilidade, para o índio pobre, e visto como não civilizado era uma obrigação. Porém não foi fácil e simples, os índios através de práticas e táticas de reutilização, mantiveram-se nos padrões estabelecidos sem abrir mão de sua cultura e de seus hábitos. Houve resistência e lutas em defesa de sua autonomia e vontade de poder agir sim.

Considerações Finais:

Podemos visualizar que durante a belle époque, existia em Manáos, dois cenários particulares que em seu interior guardam muitas histórias de sobrevivência e destruição. Temos a Manáos Paris, do luxo, da exuberância, do Teatro Amazonas, das Praças e Palacetes em estilo francês seja rococó ou *art nouveau*, mas essa situação de fausto e alegria não foi para todos. Há também a Manáos Aldeia, onde demasiada quantidade de artífices e matrizes da identidade indígena, lutavam para sobreviver sem despir-se da sua cultura.

Com a existência de duas realidades, não de uma verdade absoluta, pois a realidade é sempre complexa, múltipla, multifacetada, em Manáos houve um forte hibridismo cultural, onde a cultura branca adotou hábitos nativos como dormir em redes, comer peixes e frutas nativas, tomar banhos diários, dentre outras, assim como índios também fizeram uso de costumes brancos, como andar vestidos, calçados, adoção da língua portuguesa, até a conversão ao cristianismo, porém sem abrir mão de sua cultura como almejavam os membros da elite, mas utilizando a cultura branca a seu estilo, fazendo uso das práticas de sobrevivência.

Vemos como o discurso sempre tendeu a expelir o índio da cidade, porém ele bravamente resistiu e lutou para conquistar seu espaço, que se constituiu do local onde se dá significados através das relações, com a cidade tornando-se cada vez mais alva, era

³¹RAGO, Margareth. *Do Cabaré ao Lar: a utopia da cidade disciplinar – Brasil 1890-1930*. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1985. p. 190.



imperativo que se “escondesse” seu passado de tapera e se firmasse sua transformação em grande urbe. Percebe-se, que nas entrelinhas, o governo queria eliminar o pobre, de forma geral, mas aqui, pobre, era aquele que não se esforçava, nem estava nos parâmetros de civilização propostos. Os Códigos de Posturas eram instrumentos de exclusão social. Tal legislação ordenava aos habitantes uma completa modificação de sua moradia, até a postura nos logradouros públicos.

A arquitetura da cidade vem trazendo um estigma do que a cidade representa: civilização. Era preocupante para os enriquecidos que a cidade mais parecesse uma grande aldeia atrasada, do que a capital mundial da borracha. É como, nos diz o historiador Otoni Mesquita³², Manaus foi enfeitada, urbanizada seguindo os moldes de uma vitrine, objetivando atrair olhares de comerciantes e investidores internacionais. Enquanto isso, o índio resiste e luta bravamente. O índio luta não para mostrar superioridade ao branco, porém, para ter acesso aos saberes e fazeres próprios serem respeitados, e para poder manifestar sua cultura. Pelas imagens, e seu discurso, vemos que a cidade mostrada, apresentada ao mundo era uma, e a realidade outra, que mostrava uma distância grande, como se os índios estivessem longe da Manáos projetada.

³²MESQUITA. 2006, *op. cit.*



Bibliografia

AGASSIZ, Louis e AGASSIZ, Elisabeth Cary. *Viagem ao Brasil – 1865-1866*. Trad. de João Etienne Filho. São Paulo / Belo Horizonte: Edusk/Itatiaia, 1975.

AMAZONAS, Lourenço da Silva Araújo e. (1852). *Dicionário Topográfico, histórico, descritivo da Comarca do Alto Amazonas*. Recife: Meira Henrique Nova – Edição Facsimilar; Manaus: Associação Comercial do Amazonas – ACA – 1984. (Coleção Hileia Amazônia, “1”).

BENCHIMOL, Samuel. *Amazônia: um pouco antes e além depois*. Manaus: Editora Umberto Calderaro, 1977.

BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. Trad. José Martins Barbosa e Hemerson Alves Batista. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: A aventura da Modernidade*. Trad. de Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Toratti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BRAUDEL, Fernand. *Gramática das Civilizações*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BURKE, Peter. *O que é História Cultural?* Trad. de Sérgio Goés de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

BURNS, E. Bradford. *Manaus, 1910: retrato de uma cidade em expansão*. Trad. de Ruy Alencar. Manaus: Editora Artenova limitada, 1966.

CHASTEEN, Jhon Charles. *América Latina: Uma História de Sangue e Fogo*. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

COLLEÇÃO das leis da Província do Amazonas – Tomo V, parte 1 – LEI N. 68, de 04 de setembro de 1856. Manaus, 1856. Biblioteca do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas –IGHA.

COSTA, Hideraldo Lima da. *Amazônia: Paraíso dos Naturalistas. Amazônia em cadernos*. Manaus: EDUA n. 06, 2000.

DAOU, Ana Maria. *A belle époque amazônica*. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

DIAS, Edinea Mascarenhas. *A Ilusão do Fausto: Manaus – 1890-1920*. Manaus: Valer, 2007.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Org. e Trad. de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal. 1979



MARCOY, Paul. *Viagem pelo Rio Amazonas*. Trad. de Antônio Porro. Manaus: Edições do Governo do Estado do Amazonas / Secretaria de Estado da Cultura, Turismo e Desporto. Editora da Universidade do Amazonas, 2001.

MESQUITA, Otoni Moreira. *La Belle Vitrine: Manaus entre dois tempos (1890-1900)*. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas (EDUA), 2009.

MESQUITA, Otoni. *Manaus História e Arquitetura (1852-1910)*. 3. ed. Manaus: Editora Valer / Prefeitura de Manaus / UNINORTE, 2006.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Entre práticas e representações. A cidade do possível e a cidade do desejo*. In: RIBEIRO, Luiz César de Queiroz, PECHMAN, Robert (orgs.) *Cidade, povo, nação*. Gênese do urbanismo moderno. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

SCHAPOCHNICK, Nelson. Cartões Postais, Álbuns de Família e Ícones da Intimidade. In: NOVAIS, Fernando A. (coord.) e SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da Vida Privada no Brasil: República da Belle Époque a Era do Rádio*. v. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TAVARES NETO, João Rozendo. *A República no Amazonas: disputas políticas e relações de poder (1888-1896)*. Dissertação. Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Amazonas. Manaus, 2011.